



## 30. Uma Voz Entre Vozes




Colecção Obscuro Domínio

JOSÉ CARLOS COSTA MARQUES

**UMA VOZ ENTRE VOZES**

POESIA

 Edições  
Afrontamento



Colecção Obscuro Domínio

JOSÉ CARLOS COSTA MARQUES  
**UMA VOZ ENTRE VOZES**

**POESIA**

Prefácio de  
**ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO**

Ilustrações de  
**JOSÉ MARIA DE FRANÇA MACHADO e LUÍS FRANÇA MACHADO**

 Edições  
Afrontamento

## O LIVRO DOS 35 POEMAS

### Prefácio de António Cândido Franco

Há três pontos que me impressionaram na leitura deste livro de José Carlos Costa Marques – cujo processo de remate final, um acidente que de si toma consciência no momento em que o trigésimo terceiro poema acaba de ser escrito, a 1 de Junho de 2013, é ele já uma surpresa e larga, pois não é hoje vulgar uma homenagem tão exaltante e tão dedicada a um poeta que pôs termo à vida aos 35 anos, Francisco António Lahmeyer Flores Bugalho (1933-1968), que assinou Cristovam Pavia, cujo único livro, *35 Poemas* (1959), primeiríssimo para o autor deste volume, está hoje quase de todo esquecido entre os da poesia, mau grado lhe pertencer um dos mais instantes avisos do nosso tempo, *só há saída pelo fundo*.

É por isso que este livro, que vai buscar na aparência para título uma interlocução de Aurélio Porto, *Não tens uma voz? Tens várias!*, talvez na tentativa de justificar um registo que é múltiplo, se não ocasional, me parece ter por título mais autêntico aquele que encima este meu texto. Pela devoção, pela homenagem poética gratuita, pela marca pessoal e até pela forma como estes poemas nasceram numerados entre Outubro de 2010 e Junho de 2013, gosto de lhe chamar, com a verdade secreta dos sonhos, nem sempre coincidente com a manifestação formal de superfície, *O livro dos 35 poemas*.

O primeiro ponto que fundamente me tocou na leitura deste volume de poemas, obrigando-me a alguma retracção, foi a epígrafe de Louis-Ferdinand Destouches, que assinou Céline, «Todos os pensamentos vão dar à morte», no poema décimo quinto, que pouco ou nada esperaria encontrar numa esquina deste livro, dedicado, é verdade, a um suicida, mas um suicida discreto, cheio de delicadezas intimistas e que parece passar os luminosos versos dos seus poemas a pedir desculpa do seu acto brutal. O universo poético de Cristovam Pavia nada tem a ver com o mundo sórdido e sujo de quem escreveu *Mort à crédit*, *Voyage au bout de la nuit* e mais ainda os panfletos anti-semitas da década de 30.

Não creio que o universo pessoal do autor deste livro, também ele mais puro do que corrompido, mais sonhador do que pessimista, tenha muito mais a ver com o de Céline. Então por que motivo uma tão estratégica citação no início do

poema décimo quinto, num livro que é afinal muito parco nelas? Por certo pelo impressionante peso que a morte nele tem, a começar pela sombra maior daquele que se suicidou em Outubro de 1968, em Belém, debaixo do rodado dum comboio e que acaba por ser, por causa daquela declaração inicial do autor, «Um Livro de 35 poemas – homenagem a Cristovam Pavia», a rosa votiva, o motivo unificador de todo ele.

Mas a presença da morte neste livro de José Carlos Costa Marques não se conta apenas por esse fantasma frio que nele desde início acena – até porque a morte de Cristovam Pavia, como já se disse, tem escusas, em primeiro lugar a dos versos seus, que lhe roubam parte do horror. A presença da morte neste livro é muito mais cruel e acompanha-nos de forma muito mais entranhada, logo até nesse poema décimo quinto que parece uma glosa muito eficaz de como é impossível fugir à frase de Céline. Pensar é falar da morte; não pensar é esperar por ela – ficando por saber qual das duas é mais dolorosa. No mesmo sentido vai a espantosa meditação inicial do poema vigésimo sexto, esse declaradamente sobre uma amiga querida que acabou de morrer, Amélia Pinto Pais, onde num decassílabo se deitam contas aos dias, *um dia a cada dia um dia mais próximo*. Mais próximo de quê? Da grande e feroz foz, onde desaguam todos os rios tumultuosos dos nossos dias, essas águas letais e finais que, por uma hipótese nunca havida e sempre esperada, são as únicas que permanecem e se alimentam eternamente de si.

Para quem vive um tão magro horizonte, sempre a pressentir o perecimento que lhe guilhotinará o fio da vida, nada há de mais estranho e contraditório do que a condição da morte, que tem por natureza própria não murchar. Se entidade há que não morre é a morte. Ela aí está, indelével, viva, activa, sempre igual, desde o início incomensurável do tempo. Curiosa pois a meditação do poema vigésimo nono, dedicado à memória dum outro desaparecido próximo, Gaspar Barbosa, que fantasma do outro mundo toma voz para nos saudar, a nós leitores, chamando-nos à consciência do instante que foge, que é também *a alegria suprema de estarmos vivos na carne* como diz o primeiro verso do nono poema. O que é admirável nesta fala, além do eco satânico dos infernos glaciais que repercutem hialinos neste lado opaco do mundo, e nos vidram de assombro, é a familiaridade que o poeta mostra com esse mundo gelado do além, como se também ele, à imagem do que sucedeu ao grande Florentino, tivesse tido a possibilidade única do trânsito e do recurso entre os dois espaços, que para qualquer um de nós são irremediavelmente duas margens sem ligação entre si. *Não existe ponte*, desengana-nos porém o poeta no epicéδιο a Amélia Pinto Pais, o mesmo que no poema vigésimo quinto repete, com obscuro desespero, a palavra *trevas*. Talvez em todo este livro nenhum outro passo seja tão ameaçador como esta repetição, que parece fazer jus ao derradeiro verso do livro de Cristovam Pavia, já citado, de que *só há saída pelo fundo*.

O segundo ponto que me impressionou fundo nestes poemas, com recorrência constante, foi a presença da infância, tantas e tantas vezes, da forma mais inusi-

tada, surgida e ressurgida neles em corpo de aparição sensível. Dir-se-á que um livro colocado sob o estro de Cristovam Pavia não podia de modo nenhum furtar-se ao encanto da infância. Assim é, posto que a luz pura e intacta que brilha nos poemas de Pavia, e logo naquele que serve de pórtico ao livro de 1959, não seja a mesma que aqui nos surge, sempre filtrada por um presente que nos ajuda a dar ao passado uma aura de paraíso perdido, que por si só não teria. Veja-se nesse sentido o poema décimo primeiro, que relata um passeio pelas ruas sujas da cidade do Porto, rua dos Bragas e rua de Vilar, em que a visão do presente, *cinco casas de dois andares enfileiradas*, não coincide em nada nem com o passado nem com a recordação dele, que se torna assim *a recordação do que nunca existiu*, um passado idealizado em absoluto pela imaginação do presente e que só no plano ideal deste foi ou é vivido. Muito diferente parece ser a situação estável do sujeito de Cristovam Pavia, que tem diante de si todas as portas do passado escancaradas, bastando-lhe, como lhe basta nesse tocante segundo poema do livro de 1959, «Fim de Dia», um dos mais notáveis do poeta, a *pesagem da azeitona* para a infância ficar ali ao alcance do espírito e da mão, com todos os antigos poderes reconquistados ou restituídos.

Mesmo num poema de recorte proustiano, como é o vigésimo terceiro, em que de *repente a infância* vem a *cavalo num aroma logo volatilizado*, não se sabe se o que regressa é o passado ou tão-só o presente. O presente? Sim, ele mesmo, já que hoje o presente anda mais perdido, ou escondido, do que outrora o passado onde estava o paraíso. O presente, num mundo que perdeu espessura e se virtualizou, é hoje mais longínquo do que o passado tal como o passado material o conheceu. Se em Pavia a infância implica uma morte e uma ressurreição, a ponto de podermos dizer que as *paisagens que amámos* estão eternamente dentro de nós, ora esquecidas, ora ressurgidas, neste poema a infância tem um preço alto, a rasura do mundo. Para haver infância só resta hoje a possibilidade de traduzir uma cor, agora apagada e virtual, por um aroma ainda real, que é também o derradeiro, o da combustão da matéria, associada ou não ao *fogo libertador* dum novo Prometeu em que fala o poema décimo sexto, com remissão final para o *Protágoras* de Platão.

Por aqui chegamos ao terceiro ponto que me tocou neste livro. Falo da presença da natureza não humana nestes poemas. É talvez aqui, neste ponto, que se toca a experiência indizível e intransmissível desta poesia. Quer a morte, quer a infância, tão solidárias afinal entre si como o princípio e o fim o podem ser, são ainda formas históricas e humanas de nos situarmos. O mesmo se diria da arte, se de arte este livro dissesse, o que só em parte é verdade. Em seu lugar este livro fala dos direitos de expressão duma natureza não humana, por aí encontrando, quer por contraste com a civilização, quer por apagamento dela, o seu território mais sideral e exaltante. Em contraste com a civilização temos as *escavadoras em ferrugem* do poema décimo sétimo, que parece saído dum cenário pavoroso de ficção científica, com as *girafas gigantes* que *roem e dilaceram* o planalto. De passagem, saúde-se

neste poema a sofredora *sombra de Pascoaes sob mandíbulas soterrada* e que mostra como o destino dum poeta, no momento em que é revisitado por outro poeta, é sempre solidário, e até ao final dos tempos se preciso for, com a paisagem que amou. A mesma visão sinistra e horrorosa encontra-se no poema anterior, aliás dedicado às vítimas de dois grandes desastres tecnológicos, com uma humanidade técnica que se encara a si mesma com a grandeza fáustica das grandes realizações e que não passa aos olhos do poeta duma fila de trágicos insectos insensatos, que um vento forte basta para desbaratar e esmagar. Nenhuma grandeza pois, a não ser a da destruição, nesta civilização, que bem pode ser lida, no vislumbre de Roberto das Neves, como sifilização.

Mas o poema que mais me toca em todo este terceiro conjunto, e que de resto é o poema para mim mais notável de todo o livro, é o poema sétimo, que começa por estabelecer o dilema da arte e da terra, da acção transformadora do homem e da presença intocável da natureza, para acabar por tomar posição por uma natureza não transformada, intocada, que tem uma sabedoria própria, um equilíbrio interno, uma linha íntima de desenvolvimento que não deve ser perturbada. Esse poema merece ser ligado à bela glosa de Emerson, dedicada a António Salvado, no poema trigésimo segundo, em que se encontra todo um programa – *repor a luz/ recupear as raízes secas/ buscar saída ao labirinto/ através do fio que desdobra a luz intensa* – para o homem, que se torna assim, sem desejar inscrever nenhuma marca especial na paisagem, um adjuvante da terra. Neste caso, que tem de *primitivista* a marca duma não marca, a saída parece estar no *fio que desdobra a luz intensa*, quer dizer, no alto, e não no fundo, nas trevas, na morte, como Cristovam Pavia indicou e José Carlos Costa Marques parece noutros pontos do seu livro corroborar.

Bastam estes últimos poemas para nos situarmos numa esfera inconsútil da poesia a que só as grandes experiências da palavra poética nos conduzem. É possível que estes três pontos que me tocaram neste livro de José Carlos Costa Marques pouco ou nada digam sobre a experiência crucial que este volume encerra. Nesse caso leia o leitor sem outras indicações que as da sua leitura e perceba como eu percebi, de forma nua, sem necessitar de prefácios explicativos, que *toda a arte não é mais do que terra* e que foi preciso a arte primitiva dum poeta autêntico para o dizer.

25 de Janeiro de 2015





**JOSÉ CARLOS COSTA MARQUES** nasceu no Porto em 1945. Foi professor, tradutor, assessor editorial e editor. Fundou com Carlos Leite, Jorge Vilhena Mesquita e Manuel Resende, em 1996, a série DiVersos – Poesia e Tradução, de que é editor e coordenador. Títulos de poesia: *Sétimo Outubro de Guerra*, José Carlos Marques, Porto, 1968, Edição de Autor; *Vinte e Quatro Vezes vezes Maio*, José Carlos Marques, Porto, 1969, Edição do Autor, policopiada; *Breve Luz Nos Morde*, José Carlos Marques, Lisboa, 1970, Edição do Autor; *Investigação da Alegria*, José Carlos Costa Marques, Porto, 1989, Edições Afrontamento; *Flor de Um Dia*, Aurélio Porto, Porto, 2009, Edições Sempre-em-Pé; *Safra do Regresso*, Aurélio Porto, Porto, 2011, Edições Sempre-em-Pé; *Rasto de Naufrágio*, Aurélio Porto, Porto, 2012, in DiVersos – Poesia e Tradução n.º 17; *Uma Voz Entre Vozes*, José Carlos Costa Marques, Porto, 2018, Edições Afrontamento. Em preparação: *Uma Só Pétala, antologia pessoal*; em andamento: *Fornalha de Inverno*, inédito.

**JOSÉ MARIA DE FRANÇA MACHADO** nasceu em Ponta Delgada, em 1941. Formou-se em escultura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Expôs escultura, pintura e desenho, em exposições singulares e coletivas. Está representado nos museus de Angra do Heroísmo, Faial, Carlos Machado (Ponta Delgada), no Centro Cultural da Caloura (ilha de São Miguel, Açores) e em coleções particulares. Escreveu o guião dos videogramas *Domingos Rebelo, um pintor para os Açores* e *Canto da Maya, na génese do Modernismo* e foi co-autor, com Tomaz Vieira, do vídeo *Artistas Açorianos*. Escreveu textos de crítica de arte, colaborou em catálogos de vários artistas e apresentou comunicações e proferiu conferências sobre temas de artes plásticas. Publicou os livros de contos *A Solidão de Júpiter* e *Cai Neve no Missouri* e a narrativa *Lúcifer - uma história dos diabos*. Foi co-comissário da Exposição Retrospectiva de Tomaz Borba Vieira e curador da Exposição Antológica do mesmo pintor.

**LUÍS FRANÇA MACHADO** nasceu em Ponta Delgada, Açores, em 1953. Licenciado em Artes Plásticas pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Foi professor no ensino oficial de Artes Visuais e de Desenho e Pintura no AR.CO. Expõe regularmente desde 1973, estando representado em Museus e diversas coleções como Caixa Vigo (Espanha), Centro Cultural da Caloira (Açores, Direção Regional da Cultura), EDA-Eletricidade dos Açores, Montepio Geral, Museu de Angra do Heroísmo, Museu Carlos Machado (Ponta Delgada), Presidência do Governo dos Açores, Coleção Manuel de Brito e Universidade dos Açores.



*Não tens uma voz?  
Tens várias!*

Aurélio Porto  
in *Flor de Um Dia*



## **ADVERTÊNCIA DO AUTOR**

### **UM LIVRO DE 35 POEMAS – HOMENAGEM A CRISTOVAM PAVIA**

*Uma Voz Entre Vozes* foi escrito ao longo de três anos, de 2010 a 2013. Sem que nada lhe anunciasse um termo, mas também sem nada que forçosamente o impedisse, e tendo os poemas sido numerados à medida em que iam sendo escritos, apercebi-me a dado momento que tinha escrito o poema 33 e ocorreu-me que me aproximava do número-título do livro de poesia que mais tinha marcado a minha adolescência e que se manteve até hoje como o mais querido: *35 Poemas*, de Cristovam Pavia, 1959.

De simples curiosidade que foi ao notá-lo, tornou-se em breve decisão de que este meu livro, porém tão diferente daquele em tudo, principalmente por dele ficar imensamente distante em valor e arte, contivesse também igual número de poemas, sem qualquer pretensão de beneficiar dessa aproximação casualmente nascida, antes constituindo expressamente uma homenagem e um agradecimento a Cristovam Pavia, cuja poesia no meu universo pessoal cintila com uma luz inexcédível.



1

O clarão que surgiu e surgirá da tesoura  
cortando  
Primeiro e último umbigo  
Para trás o nada de onde viemos  
Adiante o golpe que espera  
e abrirá o nada onde entraremos

Escuridão antes Escuridão depois  
Sombras Fantasmas  
Não existem  
Apenas a luz em que banhamos  
Tudo o resto nada atrás de nada

Ou antes tudo O todo O oceano  
onde nadamos nada mais que gotas  
Oceano somos nada mais que oceano

E o entardecer de outono  
no verão tardio  
Devagar nos mergulha na noite de algodão

Nela dormimos Nela sonhamos  
Acordaremos Não acordaremos

Cáceres, 23-25 outubro 2010

2

Cai a tristeza como um pano  
Os olhos ardem Não conseguem ver

Levaram-nos os sapatos aonde eles quiseram  
Na luz e no azul buscando sinais

A beleza do mundo A estranheza do mundo

Por ele passamos e sabemos que aguarda  
apenas  
a passagem

Tardando Desvendando Ocultando

Passando

Ergue-se o ruído sobre o nosso silêncio  
Calamos o impossível de ser dito

De resto não deixariam que o ouvíssemos

Basta no céu cantando  
A glória da luz

3

*para Frei Bento Domingues*

Que essa tristeza caindo no fim da peça  
peça apenas de um só dia  
se afaste de nós

O drama não finda nunca

O repouso é certo é mais forte que tudo  
Nenhuma ação o vence É dele a palavra última

E assim teremos o descanso Não nos será negado

Foi longo o dia Será longo o final do caminho  
Sabemos que cansados iremos longe ainda

Os pés seguem sozinhos Ou nossa voz não audível nos comanda

Iremos por onde forem

Além do cansaço Além do repouso

Na tristeza que a alegria trespassa  
Na alegria palavra primeira do primeiro grito  
Na alegria levitando por dentro da dor última que espera

Cáceres, 23-25 outubro 2010

4

Com o mundo estamos sós  
Ele rola nas esferas onde não há fim Sozinho ele  
E nós com ele totalmente sós

Mas que outra companhia quereríamos?

Quantas ruas quantas praças quanto pó dos nossos sapatos

Não estava só a rapariguinha quando o míssil a atingiu  
com seus parentes seus vizinhos os soldados vindos de longe  
tão perto todos?

Com ela apenas o mundo dividiu a solidão

Que dor que sofrimento tão forte existe  
capaz de povoar o mundo?

Nenhum horror Todo o horror  
O sangue A traição O esbulho A inocência

O mundo só no meio das trevas luminoso  
A luz somente devassando o negrume

E a alegria suavemente nascendo da tristeza Da alegria

5

A luta hoje A luta sempre Outra vez a luta  
O inimigo Nunca vencido Sempre renascido

A hidra Cortamos a cabeça que renasce  
Sem fim O corte nunca tem fim

Apenas o repouso não precisa renovar-se

Ele somos nós Permanecemos nós No sempre igual descansamos

Até na luta sempre igual

Temos o segredo do repouso Sabemos que ele só vencerá

Quando a raiva o oculta  
Quando a mentira fere ostensiva  
Quando o crime tudo pode  
Quando todo o norte se esconde na névoa

Ele permanece

Dele nascemos Ele nos levará

Aos braços que nos embalaram Que haverão de embalar-nos

6

Que a violência acabe Que as armas perto de nós matando  
se calem finalmente

Tanto sangue tingiu as nossas ruas E que valeu o sangue?

Porém em nosso nome Nós querendo Nós ansiando a paz dos vizinhos  
bons negócios se fazem Exportamos armas para longe

Os melhores carros de combate do mercado Relação preço qualidade

A maior venda de armas na história deste povo que apenas quer a paz

No céu muito azul não há sangue vermelho  
Na terra cor de trigo maduro  
só na próxima primavera as papoilas surgirão

Da cor do sangue

A terra que absorve o sangue A terra que filtra o sangue

A terra onde os vivos e os mortos um só corpo são

Terra aonde regressam os violentos Terra aonde tombam  
Aqueles que abrem o peito aos violentos

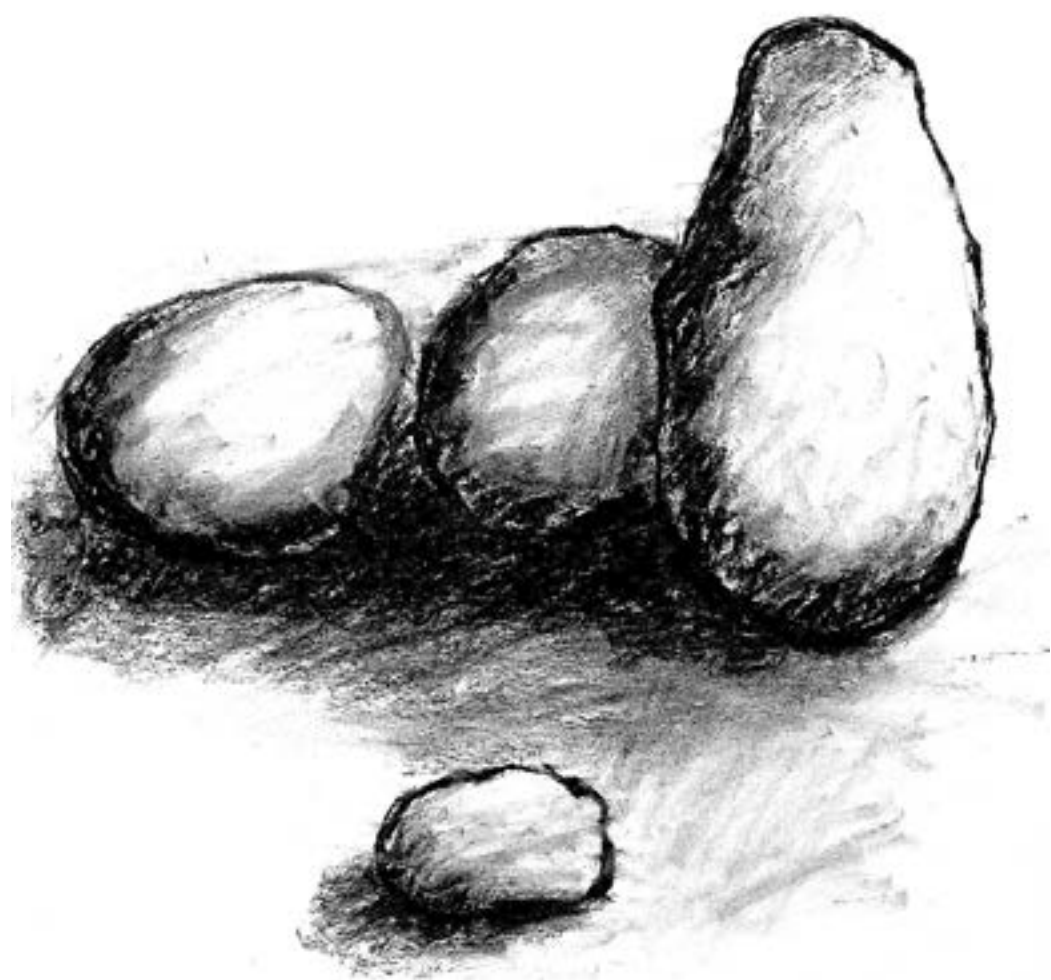


Ilustração de JOSÉ MARIA DE FRANÇA MACHADO

7

*para José Maria Cumbreño*

Arte na terra Precisa de arte a terra  
Ou toda a arte não é mais que terra

Rochas erguidas no horizonte Calhaus que as eras esculpiram  
Não serão eles arte bastante?

A terra O azul solar Sim – não pode haver melhor matéria  
Bem servida arte que nela se inscreve

Que paisagem terá mais arte com a arte  
O que ela acrescenta

Queremos deixar a nossa marca  
Julgamos belo o que acrescenta a nossa mão

Das mais remotas eras passadas Quando não havia arte  
Rumo aos mais longínquos tempos ainda por vir  
Navegam tranquilamente imóveis estes rochedos

Vela desfraldada  
Quietude que arte alguma consegue perturbar

Cáceres e Los Barruecos-Malpartida, 23-25 outubro 2010

8

*para Afonso Cautela*

Entramos o portão do tapado A serra ergue-se devagar frente a nós  
Vindos da cidade como tantas vezes

A primeira inalação de ar Sentimos bruscamente a mudança  
Higienizados Desratizados Desbaratizados  
Aqui onde há ratos Insetos Onde os líquenes se agarram aos troncos

Outrora o ar da cidade fez-nos livres

Que são hoje cidades Livres de quê Quem os prisioneiros

Amarrados aos abastecimentos Aos engarrafamentos  
Abalroados pelo excesso

É livre ainda o ar da serra  
A caminho da montanha Abrigo como sempre de eternos rebeldes Prófugos  
Perseguidos

O que nos persegue

A liberdade de sermos sós De sair da formatura Do látego  
Pensar que ainda podemos pensar o impensável  
O que só nós pensamos



Ilustração de JOSÉ MARIA DE FRANÇA MACHADO

9

Alegria suprema é estarmos vivos na carne  
Como Larkin, estremecê-la e sentirmos assim

Sentirmos assim a carne habitada Vibrante  
Ridente como o sol da manhã lá fora

Entre neblinas devassando o inverno  
Por sobre a erva tépida

Sermos assim alegres na carne Que é onde a vida passa e trespassa  
E onde a somos E onde ela é por dentro de nós

Vibra também a carne do crucificado A carne do torturado  
O estremecer no fim da carne que a doença venceu

Vibra no terror No grito que não chega a gritar Vibra no pânico e exala

Quem nos levará da suprema alegria que vivemos na carne  
Àquela outra liberta da carne Libertada da tortura

Quando nada mais formos Nem carne nem espírito

Apenas Alegria

Lendo TLS 5618, dez 3-2010, *Dearest bun*, by Alan Jenkins,  
em trânsito do Marco ao Porto, cerca de 9 de dezembro de 2010

10

*para a Margarida*

Tacteamos as paredes do túnel rumo à escuridão  
Caminhamos não sabendo de que lado vem a luz  
Somos a busca que buscamos Somos a luz e a procura

Lá fora está o esplendor de onde viemos  
Não sabemos como foi a queda Como foi o que nos tombou

Amparados à rocha agarramos estalactites que se quebram  
Perdemos pé na água que nos faz deslizar Não nos segura

Mas é terra o que tuas mãos abarcam Amanham Aconchegam  
Sobre ela irrompe o sol Por ela a água escorre  
E brotam folhinhas verdes numa promessa de amanhã

Tuas mãos na terra afagam Acarinham Fazem viver  
A gota trémula que refresca Enfrentam o céu toldado

De rosto virado para onde aponta uma saída  
De costas voltadas à caverna Sem olhar para trás

A terra que se prende aos teus dedos Enquanto paira o dia

Porto, 21 de janeiro de 2011

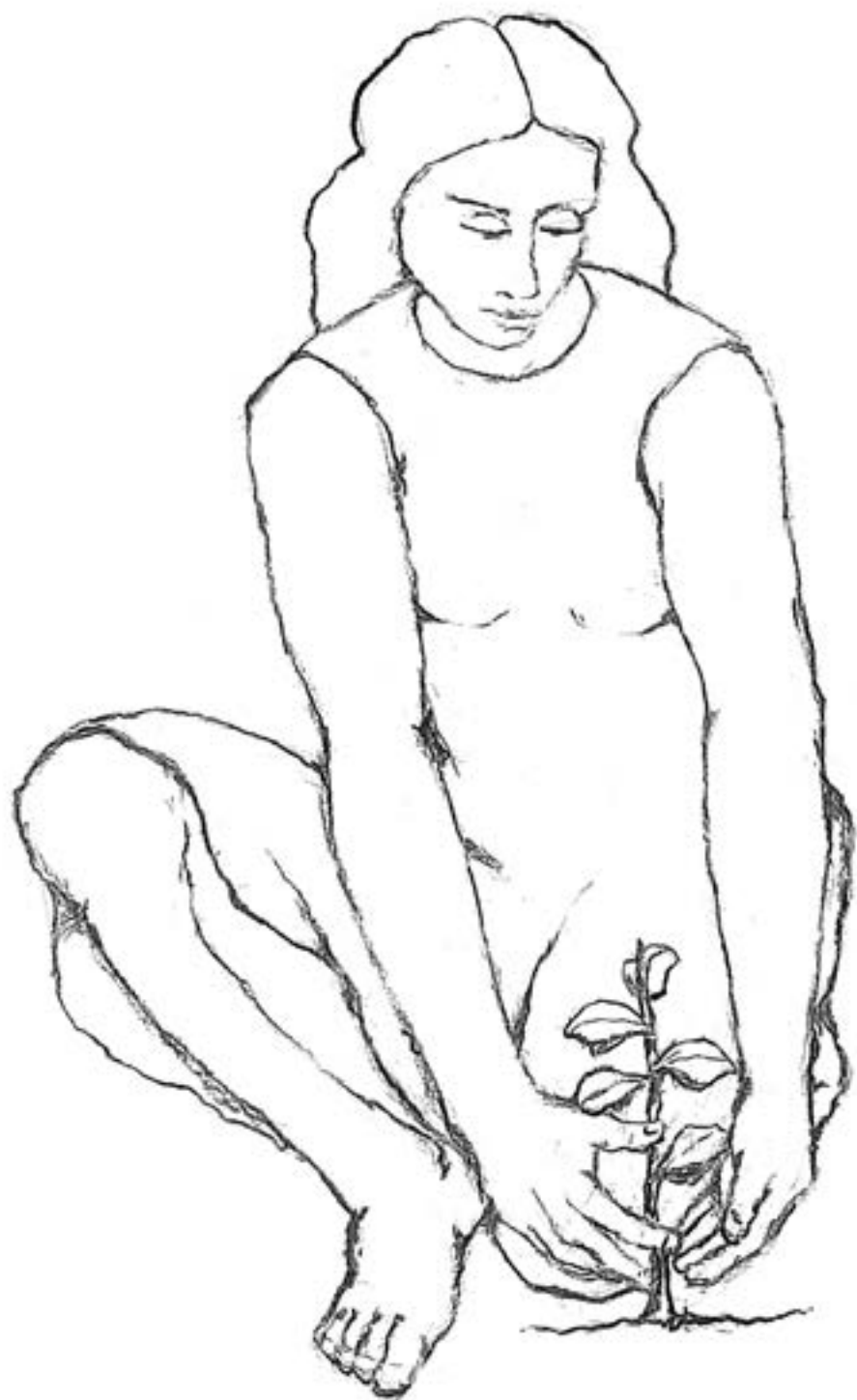


Ilustração de JOSÉ MARIA DE FRANÇA MACHADO

11

*ao Porto*

Cinco casas de dois andares enfileiradas Duas delas com sótãos recuados  
 Em volta a cidade Às vezes muito diferente Outras vezes muito igual  
 Três com varandinhas estreitas de ferro forjado  
 Fachadas de azulejos Altas portas coroadas por onde a luz penetra  
 Peitoris das janelas emoldurados de ferro Gradeando as caves  
 Cornijas de granito Mosaicos e cores em frisos de arte nova  
 Nada disso víamos quando o víamos Olhos únicos que veem  
 Os das crianças que éramos E porém nada viam do que agora vemos  
 As folhas da palmeira que por trás surgem Levemente balançam  
 Brisa no primavera inverno por dentro do dia  
 E deixam reflexos em desmaio nas janelas vitralizadas

\*

*para a Milu*

Quando percorremos as ruas da cidade  
 Privilégio de tão raros Os que andam a pé  
 Quando descemos a rua familiar Não tanto de hoje Mas do outrora  
 Esta esquina que voltámos rescende ainda  
 O perfume das tangerinas As melhores tangerinas de toda uma vida  
 Surpreende-nos então aquele prédio Antigo Talvez cem anos  
 Já ali estava nesse outrora de onde viemos  
 Porém foi decerto hoje a primeira vez que o vimos  
 Sem nada de notável Um ar evidente de época que o faz  
 Igual – digamos – a tantos outros  
 E no entanto tão diferente As janelas de guilhotina?  
 Os humildes gerânios? A larga varanda de ferro forjado em volutas?  
 O perfume de tangerinas que nos atravessa A recordação  
 Do que nunca existiu E porém certamente vivemos

Porto, Rua dos Bragas e Rua de Vilar, 13 de dezembro de 2010

12

*para Rita M.*

Boca-a-boca

Irremediável a morte – incomensurável com a vida Com a tua o aprendemos  
Boca a boca, sangue, e nada te traz de volta a nós

Assim seremos também – morte e vida confundidas, mas final o grito  
que protesta a vida e entra na morte

Seremos assim – não voltaremos

E porém morte e vida, indiscerníveis, incomensuráveis

Somos assim – seremos onde foste, onde estás, no teu grito final

Que chama o que salva e o que condena

E depois, apenas a concha vazia o crânio que cai pendente no esmalte  
e ressoa como se fora pedra

Os ossos que caindo soam e tressoam

Mas onde estás agora esse é o mesmo oceano  
em que estamos nós ainda

13

Somos estes tojos de amarelo brilhante sob o sol intenso  
Connosco descem a ladeira Desaguam no vale de asfalto  
Somos o seu brilho Somos a cor Os pequenos sóis  
De tecido enrugado Seguindo ladeira abaixo o verde na berma  
Para nós voltados Somos estes tojos Somos estas urzes  
Estas pedras e rocas Estas faldas da serra Cumeadas de granito  
Caminhamos a passo de homem Sem pressa os olhos veem  
O que perpassa O que sem pressa nos conduz vale abaixo  
Ao sol erguendo-se Ao brilho mais intenso ainda  
De pé posto vamos Entramos no caminho Somos o caminho  
E o caminhante Filtramos o amarelo e o brilho Filtramos o ar  
O tojo O amarelo levitando A aspereza A própria pedra  
Sob o sol intenso caminhamos Atravessamos a manhã  
Rumo ao dia maior Ao dia no zénite Ao dia que nos porta  
E nos caminha

Folhada, 21 de março de 2011, Águas Santas, 1 de agosto de 2011

14

Caminhamos ao longo da espuma beirando o areal tão longo  
Na sombra onde o verde do mar e da serra casam

No lusco fusco pequenos bandos de aves levíssimas na orla  
Onde a praia oferece tudo o que precisam a suas rápidas patas

Debicam Avançam Recuam O bico comprido explora os orifícios  
Que vai abrindo o mar em suas ondículas O mar apenas murmúrio

Nós caminhando ao longo da luz morrente que tanto deixa ver ainda  
Ao longo do dia em declínio onde a noite entrando se vê inteiramente

E da noite que não vemos a cerração como sempre impenetrável  
Tudo oculta Nela apenas o íntimo de nós consegue vislumbrar

O repouso

O enigma desvendado

Troia, 17 de maio de 2011



Ilustração de LUÍS FRANÇA MACHADO

15

Todos os pensamentos vão dar à morte.

*Céline, Voyage au bout de la nuit*

Todos os pensamentos vão dar à morte Todos os pensamentos vão dar à vida  
Todos os pensamentos esbarram na fronteira entre a morte e a vida  
Todos os pensamentos afloram a não fronteira entre a vida e a morte

O melhor é não pensar como dizia o outro Não pensar pensando  
Pensando não pensar  
Fazer Correr Andar Mexer Respirar Na fronteira sempre entre vida e morte

A fronteira A ilusão que nos trouxe ao berço Que ao túmulo nos levará

A linha estreita A porta estreita que é viver E nada mais conhecemos além dela

Esperamos Apenas

Troia, 17 de maio de 2011

*em memória das vítimas de Chernobil e Fukuxima*

Tão orgulhosos de todas as nossas conquistas  
A técnica isto é A arte  
Tão ufanos da nossa ciência Como elas admirável de engenho  
Tão grandes nos sentimentos Somente Humanos  
Tão superiores a tudo

Razões Boas razões como sempre Nós ou os que por nós criaram  
Inventaram Ergueram obras que nunca demais louvaremos

Nós que os vulcões os sismos catástrofes tufões maremotos  
Os venenos que por nossa mão inventámos Multiplicámos  
Transformam como de início em criaturas sem defesa

Nus Desprovidos Aguardando que nos salve um novo Prometeu  
Nos traga o fogo libertador Nos desamarre

Como formigas somos Num ápice esmagados  
Como importunos mosquitos varridos pelo vento forte

Nossa grandeza nada mais que a nossa mente  
Aparência de um avesso que mais uma vez nos foge



Ilustração de JOSÉ MARIA DE FRANÇA MACHADO

17

*para meu neto David Ramires*

Longas horas rolamos através do planalto  
Do mar extremo ao extremo rio alcantilado

Passamos o Marão Nele sofre a sombra de Pascoaes  
Sob mandíbulas soterrada Que escavam o granito

A pedra que vinha ter com ele como cachorrinho  
A nobreza da pedra Moída agora Triturada

Do mar ao planalto Túneis Altos viadutos  
Ainda em esqueleto Parados? Até onde irão

Ninguém sabe Semideserto o planalto Povoado  
De girafas gigantes Dentaduras Roem Dilaceram

Também o rio Ele corria livre ainda No desfiladeiro  
Açaimado agora Plantas e bichos expulsos das margens

Chegamos a destino O planalto tem recessos  
De encanto Gente de olhos luminosos Ardor

A mão afaga o pelo do burrico A criança em festa  
O planalto viverá As escavadoras em ferrugem

A Miguel Nóvoa e à AEPGA – Associação para o Estudo e Proteção do Gado Asinino

A Bárbara Fráguas, Paulo Santos e José Teixeira

À Plataforma Sabor Livre

Aos rios Tua e Sabor

Setúbal, 31 de maio de 2011

18

Entrou agosto O verão está instalado mas corre fresco este ano  
E agora agosto termina É quase já findado o verão num prematuro outono

Ouvimos a gargalhada da coruja morrendo num grito de melancolia  
Castelos de nuvens pesadas vão ocultando o céu num cinza de beleza súbita

Cessados já os aguaceiros Abalroados serra abaixo num rasto de cinza em  
debruns  
Subimos Descemos Subimos de novo a encosta De mãos na terra escassa  
plantamos

Julgamos plantar Futuras sombras de tardes estivais Frutos futuros  
Na pressa que não abranda do tempo que é o nosso Paramos

Ouvimos o silêncio Do outro lado da serra a vertente ilumina-se Inicia a noite  
De luzes múltiplas Cortina Brilho que nos oculta o sol noturno mais brilhante

As estrelas O lácteo caminho de São Tiago O seu perdido rasto  
E a manhã há de amanhecer em bruma o dia através do qual nos conduz

Sem que o saibamos  
A mão que bate A mão que acaricia



Ilustração de LUÍS FRANÇA MACHADO

19

Irrompe em novembro entre a morrinha a grande árvore  
Com suas folhas de fogo Do amarelo ao rubro Do sol ao carmesim

Para trás ficou o verde no seu esplendor O verde e sua força  
Dos inícios O verde na serenidade do verão que se instalou

Vai isso longe Ontem ainda a canícula apertava  
Deixava-nos a sede  
E agora na bruma da chuva que insiste arde a brasa de outono

E suas chamas quietas Ao lado grandes árvores mas estas agora pálidas  
No verde esclerosadas A que a chama não chegou ainda

No largo oculto da cidade Por entre as máquinas ininterruptas  
Que circulam Brada o seu chamado o ardor do fogo

O ardor que vem de quando não havia máquinas  
O ardor que aqui estará quando de todas as máquinas

Restar sucata apenas

Porto, Trindade, 8 de novembro de 2011

20

Das coisas que sabemos Das muitas coisas que sabemos  
Sem limites se desdobra o oceano do que não sabemos

O muito que sabemos Sempre crescendo Sempre acumulando  
Com ele enchemos até ao topo uma casca de avelã  
Flutuante No mar do que nunca saberemos

Cada nova vitória é um mirante Dele avistamos a ignorância maior  
Dela nascem mil interrogações Perplexidade

Isto o sabemos Esse é o fruto da curiosidade sempre sedenta  
Da busca sem ter fim Da nossa estrada se desvanecendo ao infinito

Agora sim sabemos  
Não haver nada a saber eis tudo o que sabemos  
Ciência a que apenas nos pode levar a ânsia de saber

A única ciência



Ilustração de LUÍS FRANÇA MACHADO

21

Enquanto vivos eram por vezes lágrimas feitas d'água  
Lágrimas de infância Tristes e logo alegres Lágrimas de adulto

Escorridas face abaixo Penetradas de treva Espessa treva  
Choradas as mais terríveis sem água alguma Apenas pedra

Sangue por dentro sem correr Um amanhã estancado  
Jovens entre dois tempos Entre dois mundos Ridentes como nós

Um átimo somente os dias que viriam Rudes Esplêndidos  
Da alegria mais pura que a melancolia traz Da ilusão real da pedra

Choram Gritam na capela mortuária onde nos trouxe o acaso  
E vós com quem rimos Com quem esperamos Com quem sofremos e Amámos

De vós esperamos riso ou choro Silêncio ou fala Lembrança ou esquecimento  
Exatamente o mesmo que de vós tivemos enquanto vivos

Pombal, 20 de março de 2012

22

Porque recordamos aquela tarde como de há muito a mais feliz?  
Pelo sol glorioso de março num verão antecipado?  
Pela quietude de ruelas descendo a encosta e o silêncio?  
Por estarmos onde nos não conhecem perdidos e livres?

Na esplanada contemplando árvores há pouco alguém falava  
Da vaga silhueta de uma rapina Águia Ave pairando  
E na voz vibrava um entusiasmo Nós que na companhia humana  
Somente somos Aconchegados Nós não toleramos essa solidão

De sermos somente humanos De uma estrela fria  
À estrela ardente que nos aguarda somos a rapina  
O milhafre no céu imóvel O rosto que nos fita frente a nós  
Enquanto desfazemos cubos de gelo e olhamos o longe

Nós somos a tarde feliz muito além do horizonte  
Muito além do descrito Descritível Nós somos  
O caminho que atravessa o cosmo e nos leva à noite  
Ao dealbar do dia

23

Começa subitamente a arder um pano de cozinha  
Mas antes de vermos de onde vinha e o que era  
Sentíramos já um cheiro Não sabíamos que cheiro  
Sabíamos que o conhecíamos E que de repente a infância

Nos invadia por um milésimo de segundo logo extinto  
A infância ou qualquer coisa longe No passado  
No futuro No presente talvez  
Nesse tempo todo da totalidade  
Um dia único apenas todo ele Sem Dealbar Sem Anoitecer

Era o cheiro que o trazia Trazia tudo o que sentíamos  
Alguma Vez Tantas Vezes  
A cavalo num aroma logo volatilizado Num perfume  
Ou como essas rosas de maio Jardins da cidade  
Repletos de rosas em maio Um perfume  
Que já não reencontramos As paisagens que amámos  
Não estão no espaço  
Estarão no tempo onde *Ciro dos Anjos* as situa?  
Estarão no tempo os cheiros?

Com a boca de bebé mamámos Com os dedos agarrámos  
Olhámos Movidos Curiosos Arregalados  
Tanto quanto nos deixaram ver  
Ouvimos Ruídos Estrondos Canções Música As Esferas  
Sons inaudíveis

E quando os aromas se apagaram Perderam cheiro as rosas  
Que mundo ainda podemos sentir inteiramente inteiro?  
Que mundo existe ainda... E pode ele existir? Sem sinestesia?

Porto, 15 de abril de 2012 e 30 de abril de 2012

Cf. *Ciro dos Anjos*, *O Amanuense Belmiro*

24

Quando queremos que apreciem a beleza Aquela por nós criada  
Em versos Palavras viajando para o sentido indiscernível  
Primeiro é preciso criar o gosto capaz de tal apreço  
Criá-lo entre os poucos Entre leitores ignotos algures ouvindo  
A voz ensurdecida A voz de nós gerada A voz ainda por ouvir  
Criar o gosto Poderia Hércules consegui-lo suportando  
O mundo em seus dois ombros fortes? E nós de ombros  
Tão frágeis Podemos nós fazer o mesmo?

Resta-nos deixar a beleza que criámos Ou não criámos?  
Aí para quem venha e nela tropece um dia sem dar conta  
E baixe de repente o olhar e encontre o ouro  
O ouro ignorado no infrene ruído das vaidades

Marco de Canaveses, 30 de abril de 2012

cf. TLS, 20 de abril de 2012, Graeme Richardson:  
«Higher Education expanded, and gave poets a chance to create full-time the taste by  
which they could be enjoyed.»

25

Nós caminhando nesse fio de navalha Do desespero  
Nós continuamente pelo desespero ameaçados Triturando trevas  
Entre mandíbulas Nós de alçapão em armadilha Siderados  
Nós prestes sempre a desistir Esgotados na marcha sem tréguas  
No tropeçar em cada pedra saliente Em cada sarjeta  
Ano após ano o esforço sem glória A persistência contra toda a lógica  
O fiar dobando de uma teia nunca desfeita Sempre refeita  
Numa Ítaca obcecada com outras vãs glórias Cega Surda  
Para os nossos caminhos Para as veredas nunca trilhadas

Nós sem voz para a indignação Nós sem mais coragem  
Aquele indignação Aquele coragem que abrem portas à esperança  
Dizem dizia Santo Agostinho  
Desarmados  
A esperança apenas

Dia após dia A esperança reavida depois do desespero  
O espinho cravado na garganta  
A luz ínfima pestanejando Trevas Trevas E a pequenina luz  
Ela nos leva ao sol jamais anoitecido À sombra  
À profunda sepultura

A esperança A inamovível

Algo roubado a  
Péguy, Jorge de Sena e Teixeira de Pascoaes  
Marco de Canaveses e Porto, 30 de abril de 2012

Quando morre o personagem público  
Que vem nos telejornais Rejeitado Admirado  
Idolatrado até de raro em raro  
Da morte isso nada nos diz Algo tão longínquo  
Tão exterior Como se falassem de uma banalidade  
Bem conhecida Logo esquecida Morta também

Mas, se chega súbito a meio da viagem longe  
O anúncio na voz distante A morte do amigo  
Que esperáramos fosse poupado Então sim É ela  
Nós que negligentes julgáramos Obtusos  
Poder vê-lo ainda muitas vezes Adiar uma visita  
Um telefonema Uma mensagem Temos tempo

E agora de repente Não voltaremos a ouvi-lo  
É então que não compreendemos Mas morrer  
Não estava nos planos Nos dele Nos nossos para ele

E só então vemos diante de nós o facto Brutal  
É certo que  
Também nós não viveremos sempre  
Um dia morreremos  
Um dia a cada dia um dia mais próximo  
E a cada dia o espanto é o mesmo de viver  
É o mesmo espanto da morte um dia mais próxima  
De nada saber De algo todos os dias connosco  
E totalmente estranho Para onde não existe ponte  
Expressão tão familiar de um outro mundo  
E estranheza total daquilo a que ela leva

E precisamente então  
Passa por nós a mulher de olhar brilhante  
No seu ventre mal se apercebem já  
Sinais do filho esperado O que no seu olhar cintila  
É somente confiança Certeza da vida invencível

27

Agita a catalpa ao vento na vertente as suas bandeirinhas verdes  
Com ela conversa o eremita de oito dias desapegando-se dos humanos

E nós com nossas vozes e ruídos, crianças e correrias, risos e gritos  
Seus ecos que rapidamente se perdem na distância  
Aos humanos nos apegamos mais ainda sem sabermos como

Apego que nos alegra e que nos dói, por vezes nos esmaga e destroça  
E outras vezes exalta Ao longe na distância que resta de humano  
Ao eremita? Talvez a solidão, a voz perdida não ouvida, o silêncio...

Ou a fecundidade...

Folhada, Marco de Canaveses, 21 de julho de 2012

28

Ao reler o primeiro livro do grande poeta com que abre a obra completa  
mil e quinhentas páginas em minion 9,5/10,5 Letra pequenininha

Logo de início redescobrimos o humor fino O riso até  
que com arte tão simples ele pratica Arte tão grande

Através do sorriso Presente no riso No humor que delicia  
porém surge já nele discretamente a presença do trágico

E nós que sabemos sorrir Nós que entre amigos rimos e brincamos  
esse riso essa máscara frágil mas que também cura

Nós que somos sérios demais em nossa poesia  
onde a tragédia A época como ela é Está presente demais

Nós agradecemos ao poeta grande Ó Carlos Ó Mundo  
o seu humor de audácia e de ternura

Nós rimos nós sorrimos a cada um de seus poemas  
e na máscara do seu riso temperamos todo o trágico

Toda a carnificina Toda a impotência Toda a cruel humanidade

E no bebé sorrindo para a mãe miramos a gentileza humana  
que sobrevive E rompendo a catástrofe nos amamenta

Porto, 15 de novembro de 2012

Lendo a *Poesia Completa* de Carlos Drummond de Andrade

*em memória de Gaspar Barbosa*

Aqueles que abandonámos Entregues à sua dor  
Que de nós esperavam uma salvação qualquer

Pobres de nós pobrinhos Incapazes de a nós mesmos  
Nos salvarmos E que tão loucas esperanças suscitaram  
Em vós Ainda mais perdidos! Aquele amigo  
Que o sofrimento devorou Aquele que de longe  
Repeliu o apelo Com fios e sem fios A confiança  
Na amizade de ti Na impotência de ti

Sim A salvação A salvação seria Pegar-te ao colo  
Dar-te de mamar Puxar-te os cobertores que destapavas  
Ser a tua mãe uma outra vez E pobres de nós  
Pobrinhos Que nunca fomos Mãe Que nunca  
Sequer Pai Pai somente no amor desmedido

Que te não demos  
Que te recusámos

\*

Que estranhos são os vivos Nós que já morremos  
No universo sideral contemplamos os que vivem  
Com espanto Como se aconchegam Como no inverno  
O calor do fogão As vozes familiares Chávenas tinindo  
No café de bairro A vida é o calor Esse calor

Esse aconchego E nós no frio Aqui onde não há calor  
Onde nenhum frio chega também Admiramos  
Nos que ainda vivem O sangue quente que lhes corre

E do gelo onde residimos Do gelo que somos agora  
Saudamos Ó vós que ides viver Que viveis ainda  
O vosso privilégio de um sangue Quente Um sangue  
Ainda aquecido Nesse tão breve instante em que viveis

Porto e Braga, 4 e 19 de dezembro de 2012

30

Esses males são essenciais A injustiça O baile dos corruptos  
Moscardos em torno da riqueza Connosco estão desde sempre  
Estarão sempre

E desde sempre connosco está também a sede de justiça  
Quando as tempestades se abatem sobre um povo Quando o caminho  
A que o atraíram se revela uma armadilha E tudo parece sombra  
E o humilham Como se o povo fosse um trapaceiro reles  
Quando há uma saída a procurar E porém ela se esconde

É nosso ainda o bem essencial Essa vontade viva ainda  
De um mundo outro Liberto E quando depois da noite  
Depois da sombra  
Acordamos na manhã de luz Surpreendidos inverno adentro  
E as nuvens já dispersas desocultam sobre a nossa cabeça  
O azul todo de horizonte a horizonte Nós sabemos  
– permanece a beleza

Que adiante nos leva O bem essencial um só E ele é verdade  
E ele é bondade E ele é beleza Ele um só bem Único bem  
E estará sempre connosco



Ilustração de LUÍS FRANÇA MACHADO

31

*Na praia lá da Boa Nova, um dia/ Edifiquei... Alto Castelo...*

António Nobre

*para o Mário Brochado Coelho*

Nada aconteceu como pensáramos iria acontecer

Felizmente Lisboa não sofreu ainda o segundo grande sismo  
Terramoto foi apenas nos sonhos que tivemos  
Em três décadas abalados até às catacumbas

Que sobra deles? Que ficou de pé na razia? No engano?  
Tudo tremeu Tudo ruiu O condado sepultado na poeira

Sepultada no piche a bela praia de criança outrora  
O paraíso mais que perdido Nunca achado

A mão selando a mão já separada Restou decepado  
O antebraço E da poeira que tudo sepulta  
E nos escombros onde fumegam os membros mutilados  
Aí onde o cão de fila descobre o rasto Aí no pó

Ergue-se incólume o sonho O sonho de verdade  
O sonho contrário de ilusão O sonho vivo que nada abate  
Que a morte abate A morte leva consigo Um dia  
Nós que estamos vivos Nós cujo sonho sonha ainda  
Ainda e sempre sonhará

Gare do Oriente, Lisboa, 23 de janeiro de 2013

32

*para António Salvado,  
glosando Emerson*

Da pátria que amaste sobrou o verão  
Quando tarda, mais o sentes como a pátria  
Onde mamaste a luz do início O fulgor

A pátria no exílio dispersa e não reencontrada  
Sem safra e sem regresso No país retalhado  
Pela faca da fealdade e corrupção No entulho  
E em lixeiras a esmo Em escombros  
Vogando na terra como restos de naufrágio

Então nela subitamente bate o sol a pino  
Quando uma luz intensa o ilumina  
O próprio feio em belo se torna

Eis o teu programa  
Repor a luz  
Recuperar as raízes secas  
Buscar saída ao labirinto  
Através do fio que desdobra a luz intensa

33

Atravessamos a vida dilacerados  
Olhamos o passado em busca de uma época feliz

Lembramos dizem apenas os dias felizes  
E no entanto lá está Nessa idade ainda remota  
Adulta e forte  
O rasgo a ponta da faca cortando  
Buscávamos a calma como hoje e a luta impunha-se  
Mantermo-nos vivos Não havia trégua Não há trégua

Recuamos à infância e rente ao esplendor  
À luz dos inícios Surge o quarto escuro  
As lágrimas Os medos

Como seríamos hoje Descendo a colina A essa luta  
Poupados? Ergue-se a manhã No nevoeiro  
Erguemo-nos E o dia porém é iluminado  
Do mais puro azul Do mais radiante oiro solar

E sabemos já – deste dia que nos rasga  
Dentro de alguns anos apenas guardaremos  
O claro alvorecer O oiro e o azul  
Dentro de alguns anos poucos que nos restam  
descendo a colina

E sempre desde o berço foram poucos os anos  
Que nos restam  
E sempre deles guardamos  
Somente o oiro O azul somente  
Que nos hão de guardar para sempre um dia

34

Ciciada esta nossa voz por sobre o tumulto  
Impossível ouvi-la Vozes outras falam mais alto  
e tudo abafam Quem poderia ouvi-la  
se a movem outros impulsos Outras esferas?

À multidão berram coisas simplórias Grotescas  
Muitas vezes vis  
Não a julgam capaz de mais

Aos doutos eles também a pequena multidão dos doutos  
Vozes fortes proclamam como prodígios fabricados  
Como enigmas desvendados  
o que é oco apenas ou pretensioso ou pedante

E porém aos simples dir-se-iam as coisas mais simples  
A terra A montanha O rio A luz A vida partida em pequeninos

O ruído esmaga o simples para os simples Para nós  
A nossa voz

E fica impante o esgar estrídulo de um baixo riso  
O inaccessível marfim de quem julga que sabe  
E julga saber julgar



Ilustração de LUÍS FRANÇA MACHADO

35

*para o Manuel Nicolau  
... e todos os outros cujo nome vive em nós*

Amigos da última infância quando o buço mal começava a despontar  
Amigos da primeira juventude a vibrar de alegria e indecisão

Porque vivem em nós décadas a fio se a vida tanto nos transviou  
Se cada um de seu lado pisou a sarça ardente com as suas sandálias  
Se cada um arribou a tão diferentes praias por caminhos tão longe?

Vivem em nós ou vive a nossa infância última A juventude primeira?  
Como as distinguiríamos se a mesma coisa são Se fomos então só uma  
Se hoje somos essa mesma distância onde a mesma coisa habita  
Transfigurada embora Refugiada nesse cordão tão enredado  
Que deveria levar-nos do labirinto e nele nos mantém contudo

Numa memória que é o hoje do que passou Perdeu Recomeçou  
A imediata coisa lembrada em que somos ainda Próximos na distância

Onde ecoa a voz que canta as canções italianas agora já esquecidas  
A mesma voz que traz ainda em nós tudo quanto agora ouvimos

\*

Que vós fala nesta voz, que voz diz nós  
E não diz quem fala?

Falhada, Marco de Canaveses, 29 de agosto de 2012



## ÍNDICE

- 17 O clarão que surgiu e surgirá da tesoura
- 18 Cai a tristeza como um pano
- 19 Que essa tristeza caindo no fim da peça
- 20 Com o mundo estamos sós
- 21 A luta hoje A luta sempre Outra vez a luta
- 22 Que a violência acabe Que as armas perto de nós matando
- 25 Arte na terra Precisa de arte a terra
- 26 Entramos o portão do tapado A serra ergue-se devagar frente a nós
- 29 Alegria suprema é estarmos vivos na carne
- 30 Tacteamos as paredes do túnel rumo à escuridão
- 33 Cinco casas de dois andares enfileiradas Duas delas com sótãos recuados
- 33 Quando percorremos as ruas da cidade
- 34 Boca-a-boca
- 35 Somos estes tojos de amarelo brilhante sob o sol intenso
- 36 Caminhamos ao longo da espuma beirando o areal tão longo
- 39 Todos os pensamentos vão dar à morte Todos os pensamentos vão dar à vida
- 40 Tão orgulhosos de todas as nossas conquistas
- 43 Longas horas rolamos através do planalto
- 44 Entrou agosto O verão está instalado mas corre fresco este ano
- 47 Irrompe em novembro entre a morrinha a grande árvore
- 48 Das coisas que sabemos Das muitas coisas que sabemos
- 51 Enquanto vivos eram por vezes lágrimas feitas d'água
- 52 Porque recordamos aquela tarde como de há muito a mais feliz?
- 53 Começa subitamente a arder um pano de cozinha
- 54 Quando queremos que apreciem a beleza Aquela por nós criada
- 55 Nós caminhando nesse fio de navalha Do desespero
- 56 Quando morre o personagem público
- 57 Agita a catalpa ao vento na vertente as suas bandeirinhas verdes
- 58 Ao reler o primeiro livro do grande poeta com que abre a obra completa
- 59 Aqueles que abandonámos Entregues à sua dor

- 60 Esses males são essenciais A injustiça O baile dos corruptos  
63 Nada aconteceu como pensáramos iria acontecer  
64 Da pátria que amaste sobrou o verão  
65 Atravessamos a vida dilacerados  
66 Ciciada esta nossa voz por sobre o tumulto  
69 Amigos da última infância quando o buço mal começava a despontar

**título**

Uma Voz Entre Vozes

**autor**

José Carlos Costa Marques ©

**ilustração da capa**

© José Maria França Machado

**ilustrações do interior**

© José Maria França Machado e © Luís França

**edição**

Edições Afrontamento, Lda.  
Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto  
www.edicoesafrontamento.pt  
comercial@edicoesafrontamento.pt

**coleção**

Obscuro Domínio n.º 12

**n.º edição**

1791

**ISBN**

978-972-36-1563-0

**depósito legal**

425727/17

**impressão e acabamento**

Rainho & Neves, Lda.  
Santa Maria da Feira  
geral@rainhoeneves.pt

Abril de 2018



Colecção Obscuro Domínio



1

Vasco Graça Moura  
O Caderno da Casa das Nuvens

2

Albano Martins  
As Escarpas do Dia. (Poesia 1950-2010)  
*Prefácio de Vítor Aguiar e Silva*

3

Lêdo Ivo  
Antologia Poética  
*Apresentação e selecção de Albano Martins*

4

Robert Bréchon  
Ecos Reflexos Miragens  
Poemas (1947-2002)  
Seguidos de um Elogio da Imitação  
*Apresentação de Maria João Fernandes*

5

Joana Lapa  
Lettera Amorosa  
Iluminações e Sombras  
*Apresentação de Robert Bréchon e de Maria João Fernandes*

6

Joana Lapa  
Deusa da Transparência  
*Apresentação de Robert Bréchon e de Maria João Fernandes*

7

José Viale Moutinho  
Anjos Cobertos de Pó

8

Afonso Caurela  
Lama e Alvorada  
Poesia Reunida de Afonso Cautela – 1953-2015  
Volume I – Inéditos e Dispersos

9

Nuno de Figueiredo  
Dias Verticais

Colecção Obscuro Domínio



10

Eduarda Chiote

**Fiat Lux**

11

Jorge Vilhena Mesquita

**Retorno e Fuga**

12

José Carlos Costa Marques

**Uma Voz Entre Vozes**

